

CAMPI DA USP NO INTERIOR PAULISTA: UM ESTUDO FRENTE AO IDEÁRIO DA CIDADE-JARDIM

Fabício Ribeiro dos Santos Godoi
Instituto de Arquitetura e Urbanismo – USP
fabricio.godoi@usp.br

Introdução

Nesse artigo será apresentado o percurso para verificar uma eventual influência do ideário da cidade-jardim nos campi universitários das primeiras décadas do século passado – com foco no interior paulista, especificamente nos campi da USP originados das antigas escolas de agricultura, conhecimento necessário para alimentar o planejamento desses territórios. Esses campi estão dispostos em áreas extensas, o que exigiu cuidados na leitura do espaço: não são exatamente áreas urbanas, nem são exatamente áreas rurais. Se essa ressalva limita, afinal nem todas as soluções de desenho urbano são aplicáveis para áreas tão extensas, por outro lado incentiva: afinal, como os projetistas abordavam essa escala?

Para efetuar a análise, será apresentado um apanhado tópico do ideário da cidade-jardim, a partir de Ebenezer Howard, autor de *Cidades-Jardins do Amanhã*¹, o texto seminal desse ideário. Serão apresentadas as principais realizações da cidade-jardim, com destaque para eventuais exemplos de espaços educacionais ou universitários. Entremado nesse apanhado, verificou-se a bibliografia principal e a prática profissional dos principais realizadores. Observou-se que há pouca referência bibliográfica a esse tipo de espaço. Poucos autores herdeiros desse ideário fizeram referência explícita de eventuais condicionantes de projeto de espaços universitários.

A segunda parte trata do tema campus universitário, especificamente à origem histórica da amostra aqui selecionada. Finalmente, realizou-se uma verificação desses exemplos de campi universitários frente aos aspectos do ideário da cidade-jardim, principalmente relacionados ao desenho ou à forma².

Tópicos do Ideário da Cidade-jardim

¹ Utilizou-se a tradução de Dácio Ottoni, denominada “Cidades-Jardim do Amanhã”, a mesma da re-edição de 1904, e diferente do título original: “*To-morrow: A Peaceful Path to Social (Real) Reform*” (Amanhã: Um Caminho Pacífico para a (Verdadeira) Reforma Social).

² Não se abordarão aspectos pedagógicos, que seriam importantes para melhor caracterização.

A revolução industrial trouxe conquistas indiscutíveis, como a máquina a vapor, o transporte sobre trilhos e produção de bens em massa. O advento dessas conquistas possibilitaria a humanidade consumir e viver mais, deslocar-se mais e ter um incremento em qualidade de vida (Huberman, 1980). No entanto, a aplicação prática dessas conquistas teve outros efeitos: o surgimento de uma massa operária numerosa e desprovida de condições de consumo, o crescimento desmedido das metrópoles fabris e a multiplicação das pragas (Bresciani, 1994 e Engels, 2011).

No decorrer do século XIX vários pensadores escreveram sobre alternativas à organização social e espacial, em substituição àquela realidade degradante. Essas alternativas, algumas vezes, incluíam descrições do espaço urbanizado (Choay, 1997). Podemos citar William Morris, John Ruskin, Piotr Kropotkin, Edward Belamy, entre outros mais ou menos influentes no pensamento de Ebenezer Howard.

Paralelamente a esses acontecimentos – e em parte também por causa deles – notava-se nos países principais do ocidente uma revalorização da “vida no campo” e o surgimento do conceito de preservação. Certamente Howard teve sua experiência de vida como fundamento desse quesito: nasceu na *city* londrina, próximo ao Hyde Park (o primeiro parque londrino) e depois viveu nos Estados Unidos, onde teve contato com Port Sunlight (uma cidade industrial com espaços coletivos e grande qualidade projetual) e a obra de Frederick Olmsted³, especificamente Riverside, próximo à Chicago.

Finalmente, dentre as principais influências sobre Howard na criação do ideário de cidade-jardim, é preciso destacar os aspectos comunitário e reformista desse ideário. Comunitário, pois há um percurso objetivo no qual é explicado como viabilizar a proposta, tendo como base a propriedade comunitária da terra e – mais do que isso – a apropriação comunitária da renda da terra⁴. Reformista, pois preconiza a formação de um novo homem, um ser social capaz de administrar coletivamente o espaço e os meios de produção. O ingresso na cidade-jardim, democraticamente, não poderia ser compulsório, mas sim por atratividade, o que é demonstrado no diagrama dos ímãs presente na introdução de seu livro.

³ Há uma biografia de E. Howard próxima de seu tempo: MACFAYDEN, D. *Sir Ebenezer Howard and the Garden City Movement*. Manchester: Manchester University Press. 1933. Ver também MORBELLI, G. *Città e Piani d'Europa*. Roma: Dédalo. 2009. Pgs 327-329.

⁴ “A presença de uma população considerável, dando um significativo valor adicional ao solo, torna evidente que uma migração em grande escala para uma determinada área com certeza será acompanhada por correspondente alta no valor das terras assim ocupadas, sendo óbvio também que tal incremento de valor pode, com algum descortino e arranjo prévio, tornar-se propriedade dessa população migrante.” HOWARD, E. *Cidades-Jardim do Amanhã*. Pág. 120 (ed. brasileira).

A partir dessas bases históricas, estéticas e ideológicas, Howard escreveu a base de todo o ideário, depois acrescido e transformado ao longo do tempo por diversos realizadores.

A proposta howardiana, além desses aspectos sociais importantíssimos, apresenta como aspectos formais, físicos e paisagísticos: proximidade entre áreas urbanizadas e parques e jardins; valorização da saúde pública (ar, água, drenagem, solo, vegetação); baixa densidade de ocupação; promoção da convivência; edifícios entremeados a jardins; ausência de blocos (ou quarteirões) adensados. Esses aspectos físicos e paisagísticos serão muito mais detalhados por técnicos, como Sir Raymond Unwin, como veremos adiante.

Especificamente no tocante aos espaços universitários, Howard não faz menções claras. No entanto, há uma espacialização bem definida dos edifícios escolares: estão inseridos ao longo da “*Grand Avenue*”, a avenida circundante que é equidistante de todas as áreas residenciais da cidade. É, também, uma avenida-parque, tendo toda a sua faixa central ocupada por áreas vegetadas. Nesse canteiro central, estariam dispostas as unidades educacionais (Howard, 1905, pg. 116). Portanto há uma sutil separação do tecido urbano e a disposição dos edifícios em “parque linear”, com jardins ao redor dos mesmos. Depreende-se também um caráter de centralidade relativa: próximo das áreas habitacionais, mas relativamente distante dos órgãos centrais.

A seguir, serão apresentadas realizações, acompanhadas de alguns aspectos formais importantes para a compreensão da imagem da cidade-jardim e sua eventual repercussão nos projetos de campi universitários.

A primeira realização foi Letchworth. Seus aspectos físicos, tanto urbanos como arquitetônicos, são muito próximos do conceito de Howard. Há o cinturão verde ao redor da área urbanizada; a gestão cooperativista do espaço; as ruas curvilíneas que se adequam ao terreno e promovem a descoberta de visuais (Calabi, 2012, pag. 144); a baixa densidade construída; a preocupação com a diversidade do público; etc (Hall, 2011). A cidade continha (e contém) apenas espaços educacionais em níveis pré-universitários, mas é possível localizar na bibliografia uma citação interessante, um tanto irônica, que faz referência tanto ao arranjo físico quanto ao projeto pedagógico:

“em um colégio interno, onde os alunos dormiam em redes separadas por telas de lona e dispostas em forma de ferradura em torno de uma fonte de mármore, plantava-se trigo

segundo o que se pensava serem os princípios de Kropotkin, recebendo, cada grão, uma atenção individual; o resultado foi uma colheita farta em ervas daninhas e cardos”.⁵

A segunda realização, Hampstead, não é uma cidade, mas um subúrbio-jardim, e por isso não é considerada um modelo preciso do ideário, pois não contém o efeito gerador de empregos, nem as possibilidades de auto-suficiência. No entanto, sob o aspecto formal, é um exemplo ótimo. A partir dessa realização, os projetistas definiram qual seria o padrão arquitetônico e urbanístico que marcaria a origem do ideário da cidade-jardim. Em Hampstead as unidades escolares situam-se no centro secundário: uma clara adoção da centralidade *relativa* desse tipo de uso, preconizada por Howard. Além disso, as edificações estão livremente dispostas, entremeadas por áreas ajardinadas e parques (Morbelli, 2009).

O primeiro colaborador de Howard foi Sir Raymond Unwin. Autor do projeto de Letchworth e Hampstead, em parceria com Barry Parker. Ambos serão figuras centrais na construção de uma imagem da cidade-jardim, do modelo estético que responde com precisão ao modelo ético. Unwin escreveu “*Town Planning in Practice: an Introduction of the Art of Designing Cities and Suburbs*”, um manual de urbanismo com vasta influência entre os profissionais da época. Como “manual”, o livro contém uma série de regras, agrupadas em: organização das centralidades, do sistema viário, da escala de abordagem, dos jardins, da situação dos edifícios no lote, da arquitetura dos edifícios e relação com o entorno.

Além da influência de Howard, é indispensável citar a influência provocada por Camilo Sitte (autor de “A Construção das Cidades Segundo Seus Princípios Artísticos”, de 1909), principalmente com relação à valorização dos aspectos específicos de cada lugar. Essa influência é notável na adoção das vias curvilíneas, no descortinar de paisagens e no desenho das praças e parques ⁶. Entre tantos escritos, Unwin trouxe uma influência dos campi universitário para as cidades operárias (e toda sua prática de planejamento, posteriormente). A disposição dos *cottages* ⁷, com quintais comuns voltados para “um quadrângulo que abre um dentro do outro” (em concordância com Howard) e o cômodo principal voltado para a face com melhores condições de insolação, foi inspirada nos conjuntos universitários de Oxford e

⁵ MARSH, J. *Back to the Land: the Pastoral Impulse in England*. London: Quartet. 1982. Citado em HALL, 2011. Pág. 114.

⁶ No capítulo “*De la individualidad de las ciudades*”, Unwin faz um estudo bastante detalhado da prática alemã de planejamento urbano, fortemente influenciada por Sitte, trazendo sua análise para o contexto inglês. No capítulo “*De la belleza de lo regular y de lo irregular*”, apresenta as vantagens e desvantagens desses aspectos de projeto. Os “conjuntos de regras” citados no parágrafo anterior estão organizados em capítulos. UNWIN, R. *La Practica del Urbanismo*. Barcelona: Gustavo Gilli. 1984. Original: 1909.

⁷ *Cottages* podem ser traduzidos como casas populares, geralmente sobrepostas e eventualmente geminadas.

de Cambridge (Unwin, 1902). No entanto, em seu texto principal, Unwin não traz outras recomendações explícitas referentes ao planejamento de áreas universitárias.

Vinte anos após Hampstead, Barry Parker projetou Wythenshawe. Apesar de ser maior e ter aparecido sob encomenda estatal – conceitos opostos aos preconizados por Howard, aqui aparecem (ou ganham relevância) alguns conceitos formais marcantes, como a via-parque; o quarteirão com jardins centrais (o modelo Radburn); a unidade de vizinhança; sem prejuízo da baixa densidade edificada⁸. Suas dimensões, inovações e posteriores modificações a tornam um caso praticamente único. No entanto, não incorporava nenhum espaço de ensino superior (nem colleges), que viriam se instalar muito depois, como o campus Northender da Universidade de Manchester. Na obra de Unwin e Parker não encontramos projetos de campus universitário ou de colleges, talvez pela dedicação ao problema habitacional.

Nesse ponto, parece importante fazer um pequeno aparte para valorizar os aspectos formais destacados até o momento. Gravagnuolo (1998) destaca a estética do pintoresco e a consequente adoção de estratégias de valorização da paisagem – obviamente dentro do contexto inglês, no qual essas realizações se inserem. Em suas palavras:

“Surpreende, efetivamente, a extraordinária capacidade para adequar o traçado do assentamento com a natureza do lugar, seguindo os declives, calculando as perspectivas panorâmicas, exaltando, em suma, as vocações formais do *topos*”⁹.

Um aspecto tipológico considerado marcante e inovador da cidade-jardim foi descrito por Gravagnuolo: denominado “*close*” na tradução espanhola, é um espaço que pode ser classificado como intermediário entre o pátio e a rua. É formado pelas *cottages*, dispostas em fila em torno de um espaço semi-público, sem, no entanto, contorna-lo totalmente. Por esse espaço, com jardins coletivos, pode-se acessar cada unidade, bem como pelos fundos, onde poderiam localizar-se jardins ou hortas familiares. Essa é a origem da “unidade de vizinhança”, conceito que frequentou teorias e ideários por várias décadas.

A experiência posterior dos seguidores de Howard foi a cidade-jardim de Welwyn. Essa experiência também diverge da proposta original: a localidade foi escolhida pela presença de importantes eixos de transporte e relativa proximidade de Londres. Hoje, efetivamente, configura-se como um subúrbio-jardim. O arquiteto canadense Louis de

⁸ A persistência da baixa densidade edificada parece óbvia, mas é importante citar a persistência presente no livro-panfleto de Raymond Unwin: “*Nothing Gained by Overcrowding!*”, escrito em 1912.

⁹ Gravagnuolo, 1998, pg. 121. Especificamente, Gravagnuolo refere-se ao projeto de Hampstead. Generalizamos, pois esse trabalho apresenta apenas topicamente tais aspectos da cidade-jardim, para depois verificar sua existência nos espaços-alvo da pesquisa (campi universitários).

Soissons adotou a via-parque como eixo da zona central da cidade, configurando-a como um elemento tipológico essencial na proposta e conferindo identidade ao lugar. Essa importância também é reforçada por Peter Hall (Hall, 1988), que prefere Welwyn à Letchworth. No entanto, a baixíssima densidade edificada reduz as possibilidades cênicas, reduzindo o caráter “urbano” e ressaltando o caráter “jardim”, até eclipsando a urbanidade¹⁰. Para esse trabalho, é importante citar que o *college* em Welwyn situa-se estrategicamente em terreno de grande visibilidade, na extremidade da via-parque, mas foi edificado após 1938, o que pode denotar um adensamento do plano original¹¹. Apesar disso, é o mesmo tipo de implantação dos prédios principais dos campi que serão analisados adiante.

Logo após a segunda-guerra, novas cidades foram implementadas pelo governo da Grã-Bretanha, com fortes influências do ideário cidade-jardim. Vale trazer algumas observações sobre Basildon, já que esta continha, desde o momento de seu projeto, um campus de um *college*¹². As “*new towns*” eram compostas por bairros, cada qual com seu pequeno centro comercial, interligados por eixos de largura generosa. Havia, ainda, áreas específicas para compras (o centro comercial) e fábricas (a zona industrial). As unidades escolares primárias situavam-se no interior dos bairros, acessíveis sem a necessidade de atravessar as vias principais. As unidades secundárias, ao contrário, se estabeleciam ao longo dos eixos, mas ainda próximas dos bairros. Em Basildon, adicionalmente, o projeto estabelecia um *college* ao lado do principal centro comercial – mas em uma área relativamente extensa e densamente parqueada (Gayler, 1996).

Dos Estados Unidos, selecionamos dois autores de obra profícua e vasta produção textual: Clarence Stein e John Nolen. De Stein, citamos o modelo Radburn. Nesse modelo há separação total entre pedestres e veículos. As edificações são dispostas ao redor de um eixo semi-privado, delicadamente apartado das vias circundantes. No centro, jardins nos quais há socialização dos habitantes e atrás das casas, os jardins privativos. Essa invenção responde à necessidade imposta pelo sociólogo Clarence Perry que procurava incrementar a sociabilidade de imigrantes e norte-americanos através do desenho urbano. Entre suas premissas, as crianças deveriam caminhar para chegar à unidade escolar, em segurança, por caminhos nos

¹⁰ Idem, pg. 158. A configuração da via-parque e da praça (“*the campus*”) seria uma sutil influência do movimento *city beautiful*. Mais à frente essa influência será abordada.

¹¹ É um campus da instituição “Oaklands College”. Uma sintética e interessante progressão do entorno pode ser observada em <http://www.tvas.co.uk/reports/pdf/OCH04-82dskD.pdf>.

¹² O termo *college*, nos países de língua inglesa, se refere a um nível educacional acima do equivalente brasileiro de nível médio, mas inferior ao equivalente brasileiro de nível superior.

quais não concorreriam com veículos. No entanto, o modelo norte-americano de cidade-jardim foi adaptado ao longo dos anos pela base mercadológica e capitalista daquela sociedade ¹³. Esses projetos atualmente estão muito modificados e seus conceitos de sociabilidade invertidos (Hall, 1988, pg.145-150).

O paisagista John Nolen carrega uma grande influência de Camilo Sitte e Howard (Nolen, 2005). Do movimento *City Beautiful* trouxe a disposição dos prédios cívicos em um “centro” – mas sem as considerações monumentais daquele movimento. Em sua obra há pelo menos dois exemplos de projetos de campus universitário ¹⁴. No caso do campus da Queens University of Charlotte, situado pouco ao norte do Myers Park, Nolen dispôs as edificações em forma de “H”, criando dois quadrângulos, proporcionando a criação de pátios de convivência de grandes dimensões e integração desses pátios com a paisagem do parque. Essa configuração hoje encontra-se alterada, adensada.

Os Projetos de Campi Universitários

A Universidade, surgida na Europa, vai encontrar seu lócus nos Estados Unidos, quando os primeiros campi universitários surgem enquanto espaço organizado. A princípio se apoia em uma ideologia antiurbana, mas se desenvolve de forma múltipla, diversa, a partir de tendências mais importantes (antes *City Beautiful*, depois modernismo). No Brasil, os primeiros planos aparecem nos anos 20, destacando-se o plano de Agache para o “Bairro Universitário” no Rio de Janeiro (Pinto e Buffa, 2009). Esse plano e outros posteriores repetem a prática de implantar o campus em situação suburbana, próxima da urbe, mas geograficamente apartado da mesma. Apesar de algumas similaridades, os exemplos estudados nesse trabalho partem de um processo diferente. Situados no interior paulista, se originam de escolas públicas de nível técnico ¹⁵. O mais antigo, em Piracicaba, foi inaugurado em 1901, após muitos anos de processos políticos, burocráticos e construtivos (Perecin,

¹³ Há várias considerações sobre a adaptação da Cidade-jardim para o contexto americano no trabalho em NOLEN, J. (org.) *City Planning*. NY and London: D. Appleton and Co. 1924. Destacam-se alguns aspectos formais: uma cidade (ou, melhor ainda, um *subúrbio*) com baixa densidade que possui um centro urbano geometricamente projetado que contém os usos cívicos e comerciais, a partir do qual partem vias residenciais curvilíneas, com desenvolvimento controlado e ocasionais áreas para indústria na periferia.

¹⁴ Em Nolen (1924) há um capítulo sobre centros de vizinhança como figura central de planejamento urbano, nos quais se implantariam escolas e *colleges* integrados a parques recreacionais. Sobre os projetos citados, acessar <http://hcap.artstor.org/cgi-bin/library?a=d&d=p1336>.

¹⁵ O que caracteriza um interessante paralelo, não intencional, com a transformação de *colleges* norte-americanos em campus de nível superior.



existem: o antigo

1905 o arquiteto

os prédios mais

1. Esse histórico

IAAT (Lourenço,

a República e do

dim inglês quanto

gramados e das

scritas da cidade-

idade. A solução

Ilustração 2: O parque em construção (fonte: site da ESALQ). Na foto (1907) estão retratados o prédio principal, o sistema viário e as incipientes massas arbóreas. Esse lugar foi pouco alterado ao longo do tempo, exceto pela substituição do prédio mais à esquerda e pelo crescimento das árvores.

-
1

Caradusa evidencia a preponderância das características inglesas, como a paisagem com características de jardim natural, pouca linearidade, visual privilegiando a massa arbórea e possibilidade de circular sem ver áreas edificadas. (Barbin, 1999).

original de separar acesso de veículos ao acesso de pedestres também existe, apesar dessa originalidade ter partido de outra necessidade: o trânsito de arados (e outros equipamentos agrícolas) fazia parte das inovações pedagógicas dessa escola, e certamente o espaço refletiria essa inovação. O acesso “social” era realizado pelo parque, enquanto o acesso “prático” era realizado por essas vias circundantes.

No entanto, constata-se que o espaço dessa escola foi fortemente determinado pelas práticas didáticas que ali se desenvolveriam. Dessa forma, as características técnicas das necessidades agrícolas sobressaíram ao desenho “urbano”. Além disso, a própria data de implantação do projeto praticamente inviabiliza a influência daquelas características do ideário da cidade-jardim, já que – como visto anteriormente – as primeiras realizações foram efetivadas em datas posteriores ao projeto desse campus e desse parque.

Ribeirão Preto

O campus de Ribeirão Preto, tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) em 1994, foi projetado pelo arquiteto Hernani do Val Penteadado (Al-Assad, 2010, pg.16 e Lourenço, 2002), conhecido pela autoria do terminal de Congonhas/SP, nos anos 50. Também é autor da Escola Preparatória de Cadetes do Exército, em Campinas, de 1944. Sua trajetória profissional passou pela Diretoria de Obras Públicas de São Paulo, na qual adotou eventualmente uma linguagem arquitetônica vinculada ao “neocolonial”, especialmente no período varguista¹⁸. Essa linguagem arquitetônica teve muita relevância no Estado – a despeito de sua rara presença na bibliografia. A adoção dessa linguagem, possivelmente, era uma exigência política (verificável pela distância entre o neocolonial e o art-decô de Congonhas).

Com o fim da ditadura varguista e a conseqüente perda de importância política das Escolas Práticas de Agricultura, o campus foi cedido à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e depois abrigaria outras unidades, o que provocou uma constante ocupação por edificações em meio às áreas projetadas como espaços agrícolas didáticos. Ao mesmo tempo, a cidade hoje praticamente circunda o campus.

Nas ilustrações nota-se no traçado urbanístico a presença de aspectos formais típicos da cidade-jardim. O elemento mais marcante é o sistema viário disposto em curvas,

¹⁸ MASCARO, L. P. *Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista: 1920-1950*. Tese de Doutorado. EESC-USP. 2008. Pgs. 298-299. A autora apresenta a relevância da arquitetura neocolonial usando como exemplos mais relevantes as Escolas Práticas de Agricultura. Também oferece um excelente panorama histórico desse campus.



Figura 3 – Padrão urbanístico, com vias curvas, áreas parqueadas
(fonte: PUSP-RP)

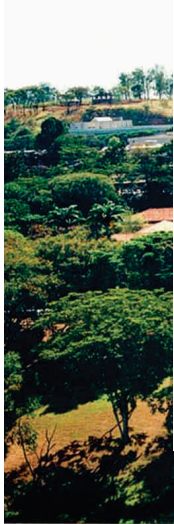


Figura 4 – Prédio principal, jardim diferenciado defronte ao eixo
de acesso (fonte: PUSP-RP)

para mais baixas, permitindo o desfrute de visuais
verso. Ademais, permite que as soluções técnicas de
mais economicidade.

a, visualmente, com o jardim frontal ao prédio
técnicas de via-parque. No entanto, não está em sua

extremidade a praça principal,

como seria característico no
movimento *City Beautiful*. A

via até permite essa

visualização (o prédio

principal situa-se em cota
mais alta), mas para acessá-lo

é preciso contornar uma parte

do lago. A contemplação,

aqui, não é apenas induzida,

mas praticamente obrigatória,

já que para o visitante chegar ao

destino terá que,

necessariamente, circular pelo

eixo principal e também pelas

vias curvas.

Essa origem em um

espaço dedicado a cursos rurais

possivelmente justifica a baixa

densidade construída. Mesmo

que essa atividade tenha

ocupado o espaço por menos de

cinco anos, podemos considerar que era uma opção projetual, visto a distância entre os diversos edifícios. Aliás, trata-se de característica que foi preservada com o tombamento do desenho urbanístico. Além disso, os prédios se dispõem no terreno entremeados a áreas parqueadas, com jardins frontais. As distâncias entre os prédios mais importantes são superáveis a pé - percorrendo áreas sombreadas - o que induz à fruição da paisagem e ao ato

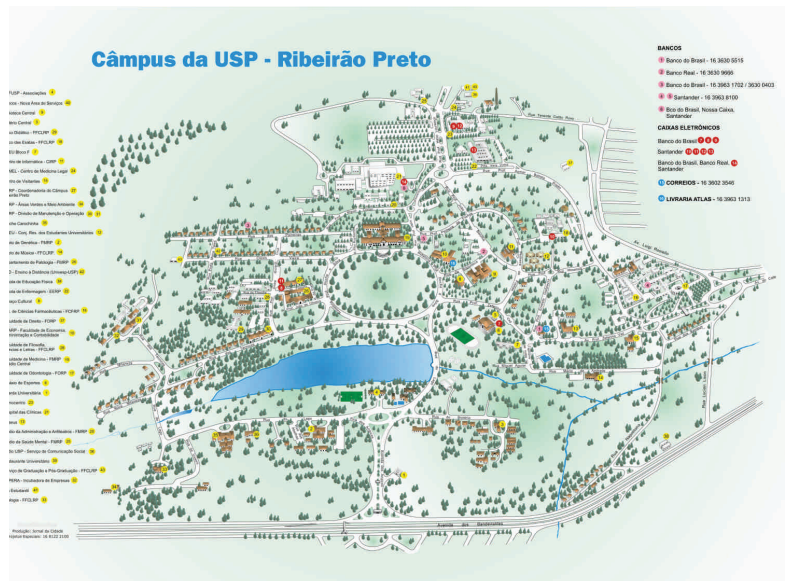


Figura 5 – Mapa do campus USP Ribeirão Preto (fonte: site PUSP-RP)

is as casas se dispõem em filas, permanecendo o assununga, não é a ressaltada por Gravagnuolo

Al-Assal (2010), é a relação entre a arquitetura ntidade regional. Ou seja, há um viés ideológico

nessa prática. O desenho urbano poderia conformar a mesma tentativa ou temos aqui exemplos apenas de um desenho comprometido com a qualidade do espaço, sem vieses ideológicos?

Ademais, a adoção de uma arquitetura com caráter regional seria uma proposta arquitetônica coerente com o desenho urbano, assim como a arquitetura *arts and crafts* acompanhou a cidade-jardim britânica?

jardim britânica?

Pirassununga

O campus Pirassununga também tem origem no fim dos anos 30. Seu desenho foi realizado pelo Departamento de Engenharia Rural do Estado de São Paulo. Ao passo que o campus Ribeirão Preto possui diversos trabalhos registrando sua história e desenvolvimento, o campus de Pirassununga foi objeto de poucas pesquisas até o momento. O registro histórico existente está organizado em Telles e Iokoi (2005) e, referente a arquitetura, em Al-Assal (2010). Não encontramos nenhum trabalho registrando o desenho do campus e sua evolução. Ademais, não foi possível confirmar com precisão o autor dos projetos, mas é possível assegurar que Hernani do Val Penteadado não foi o responsável técnico, já que este era



as de projeto são muito maior, apesar da mais o caráter ou “rurais”.

Ilustração 6 – Projeto da atual USP em Pirassununga (fonte: PUSP-P)

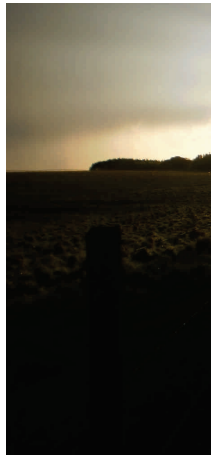


Ilustração 7: Sistema viário em curvas, desdobramento visual (Foto do autor)



Ilustração 8: Disposição das edificações no campus (Foto: Prof. César G. de Lima)

Um aspecto essencial para a análise da paisagem atual do campus Pirassununga foi a construção da Rodovia Anhanguera, que cindiu o campus na metade. Não apenas isolou a região do prédio principal do restante do programa, mas também exigiu um redesenho do sistema viário, o rompimento dos eixos visuais – inclusive entre o prédio principal e o ginásio, o principal do projeto.

Não obstante, as características ressaltadas na análise do projeto do campus Ribeirão Preto também aparecem aqui. O sistema viário em curvas, com o desdobramento de paisagens; a solução de drenagem e esgotamento resolvida com economicidade; a baixa densidade edificada; as construções em meio a áreas parqueadas e jardins frontais; a via-parque com cume visual no prédio principal (mas com extremidade em curvas); a arquitetura neocolonial. Aqui, as palavras de Gravagnuolo se aplicam com precisão: o traçado do assentamento se adequa com a natureza do lugar, segue os declives, ressalta as perspectivas panorâmicas.

Influência do ideário cidade-jardim nos projetos selecionados

Quando essa pesquisa se iniciou, havia a expectativa de encontrar na bibliografia dos principais personagens do ideário cidade-jardim mais referências às especificidades dos espaços de educação superior¹⁹. Afinal, destacam-se as dimensões significativas que tais espaços ocupam na cidade (ou justaposta a ela); a característica de possuir usos específicos ou de parcial isolamento com relação ao entorno; e por ser um campo experimental por excelência. Na bibliografia consultada, essas referências são raras, e geralmente de forma diagonal: ou em estudos de casos, ou na possível interpretação de que determinadas ideias se refeririam não somente às escolas secundárias ou *colleges*, mas também aos espaços universitários. A primeira constatação, portanto, foi essa raridade de referências às especificidades dos espaços de ensino superior, o que aguça a curiosidade, afinal as possibilidades seriam imensas: o período de maior profusão de projetos de campi ou cidades universitárias foi posterior à formação do ideário cidade-jardim e a resposta formal que esse ideário oferece parece muito adequada ao problema dos espaços universitários.

¹⁹ A característica reformista, comunitária e democrática da proposta de Ebenezer Howard, seria, por excelência, aplicável à Universidade moderna ou contemporânea. Para desenvolver essa ideia, teríamos que incorporar no trabalho o aspecto pedagógico, mas como já informado, isso não será feito aqui.

A seguir, durante a verificação da presença de aspectos formais do ideário cidade-jardim, confirmou-se uma possível influência projetual em dois exemplos (Ribeirão Preto e Pirassununga), enquanto no outro essa influência provavelmente não existe. O campus Piracicaba é resultado de projetos anteriores às realizações da cidade-jardim e de uma prática projetual essencialmente tecnicista, determinada pelas necessidades pedagógicas do ensino de ciências agrárias. O parque de Puttmans possui relevância inquestionável na história do paisagismo no Brasil, mas não sugere uma influência da cidade-jardim.

Em compensação, nos outros dois exemplos, observamos algumas sugestões de influência formal da cidade-jardim: não como única influência, mas certamente uma delas. Algumas características presentes são: a adoção do sistema viário em curvas, bem assentado ao terreno, que desvenda visuais no percorrido; a baixa densidade construída, disposta em áreas parqueadas, com jardins frontais; a presença de uma via-parque que culmina visualmente no prédio principal (denotando influência do *City Beautiful*), mas com um percurso curvo antes da extremidade, obrigando a se percorrer rotatórias e assim desvelar outros visuais.

Outra sugestão de influência é o *vínculo* entre o desenho da paisagem e a arquitetura dos projetos. Enquanto na cidade-jardim britânica o estilo arquitetônico vinculado à cultura local era o *arts and crafts* (Gravagnuolo, 2009), aqui temos o neocolonial paulista²⁰. Esse vínculo foi proposto pelo mesmo motivo: tanto os ingleses quanto os brasileiros pretendiam adotar uma arquitetura “regional”. Além disso, ambos os estilos pretendiam valorizar a relação entre paisagem edificada, arquitetura e a paisagem rural. Essa influência é apenas sugerida: não foi possível confirmar pela bibliografia. Além disso, o neocolonial paulista foi uma opção oficial (Al-Assal, 2010). Entre as características não adotadas, há a disposição das edificações sugerida no modelo americano de John Nolen (ao redor de grandes pátios centrais, em quadrângulos) e a separação entre pedestres e veículos. Provavelmente essas características não foram utilizadas pelas grandes dimensões das áreas: tratamos aqui de campi de cursos de ciências agrárias, que demandam áreas extensas. Por isso a ressalva: nem todas soluções de desenho urbano poderiam ser adotadas, já que o espaço estudado não é exatamente urbano, nem exatamente rural.

²⁰ Adotamos o termo “estilo” na concepção de Walter Gropius: “forma de expressão repetida por um certo período, cujo fundamento, culturalmente saturado, permite a criação de um denominador comum”. GROPIUS, W. *Bauhaus: Nova arquitetura*. São Paulo: Perspectiva. 1997. pg. 132. Original de 1968.

Considerações finais e apontamentos para pesquisa

Esse hibridismo projetual, com influências da cidade-jardim e do movimento *city beautiful*, mais o hibridismo da paisagem, ao mesmo tempo rural e (sub)urbana, confere uma condição única para os campi Ribeirão Preto e Pirassununga. De maneira geral, é notável a qualidade dos espaços nesses campi. A pequena bibliografia sobre sua origem histórica e o foco nas questões arquitetônicas dos trabalhos existentes, nos impede de afirmar que essa qualidade é produto de uma *influência intencional*. Essa questão pendente seria a primeira a desenvolver.

A principal diferença entre os projetos está na disposição extremamente cuidadosa do programa técnico em Pirassununga. Explica-se, pois o projeto saiu das dependências do Departamento de Engenharia Rural, ao passo que o outro saiu das pranchetas do Departamento de Obras Públicas (Al-Assal, 2010). A evolução histórica da ocupação desses espaços avultou essa e outras diferenças. Em Ribeirão Preto já não há espaços edificáveis na área original, mais densa e edificada. O tombamento garantiu a preservação integral do sistema viário original, das áreas parqueadas, da disposição e das fachadas das edificações. O campus Pirassununga, por décadas utilizado como escola de nível médio, apenas na década de 90 recebeu novas construções. A vastidão do território permitiu a manutenção do que restou da paisagem, após a mutilação causada pela abertura da Rodovia Anhanguera.

Atualmente, devido a forte expansão da USP, as intervenções se aceleraram. Enquanto em Ribeirão Preto essa expansão se faz em área vazia, ao norte da área original e preservada, em Pirassununga os novos edifícios são edificadas aqui e ali, entremeados às edificações originais – inclusive abrindo-se algumas vias.

As decisões relativas a essas expansões, pretéritas e atuais, são administrativas, tomadas por dirigentes que invariavelmente são professores locais, muitas vezes sem conhecimento dos conceitos de patrimônio e preservação. Certas determinações com impacto na paisagem (e até em edificações) não são previamente conhecidas pelos setores responsáveis de arquitetura. Daí surge o segundo questionamento: como a paisagem construída se relaciona com a política interna da instituição? Em outras palavras, como as decisões administrativas impactam na paisagem e nas áreas edificadas?

Essa realidade de expansão da Universidade, chocando-se com o patrimônio, indiscutivelmente importante, evidencia outras questões. De que maneira preservar esses

aspectos no campus Pirassununga (e quais aspectos preservar)? Como garantir a expansão e o crescimento de áreas edificáveis, em ambos campi (em Ribeirão Preto com o agravante de já ser tombado)? Concluímos com mais questionamentos do que respostas. Certamente porque essa abordagem, especificamente nesses campi, é uma lacuna da bibliografia.

Bibliografia (a data refere-se à edição utilizada)

Al-Assal, M. R. B. 2009. *Arquitetura, Identidade Nacional e Projetos Políticos na Ditadura Vargasista*. São Paulo, FAU-USP. Dissertação de Mestrado.

_____. 2005. *Escola Prática de Agricultura Fernando Costa: Patrimônio Cultural da Universidade de São Paulo*. São Paulo, FAU-USP. Trabalho Final de Graduação.

Barbin, H. S. 1999. *Estudo das transformações na conformação dos maciços arbóreos/arbustivos do Parque da Escola Superior de Agricultura 'Luiz de Queiroz' - USP*. Piracicaba, ESALQ-USP. Dissertação de Mestrado.

Bresciani, M.S.M. 1994. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo, Brasiliense.

Calabi, D. 2012. *História do Urbanismo Europeu*. São Paulo, Perspectiva.

Choay, F. 1997. *O Urbanismo*. São Paulo, Perspectiva.

Council of Independent Colleges. *Historic Campus Architecture Project*. 2006. Disponível em: <http://hcap.artstor.org/cgi-bin/library?a=d&d=p1336>. Acessado em 19/07/2013.

Creese, W. 1992. *The Search for Environment*. Baltimore, Softshell.

Engels, F. 2011. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo, Boitempo.

Gayler, H. 1996. *Geographical Excursions in London*. Boston, University Press of America.

Gravagnuolo, B. 1998. *Historia del Urbanismo em Europa*. Madri, Akal.

Gropius, W. 1997. *Bauhaus: Nova arquitetura*. São Paulo, Perspectiva.

Hall, P. 2011. *Cidades do Amanhã*. São Paulo, Perspectiva.

Howard, E. 2002. *Cidades-jardins de amanhã*. 2. São Paulo, Hucitec/Annablume.

Huberman, L. 1980. *História da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro, Zahar. 1980.

Lourenço, M. C. (org). 2002. *Bens imóveis tombados ou em processo de tombamento da USP*. São Paulo, EDUSP e Imprensa Oficial.

Macfayden, D. 1933. *Sir Ebenezer Howard and the Garden City Movement*. Manchester, Manchester University Press.

Mascaro, L. P. 2008. *Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista: 1920-1950*. São Carlos, EESC-USP. Tese de Doutorado.

_____. 2010. *Escolas Práticas de Agricultura: Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista*. In Anais do 2º Seminário de Patrimônio Agroindustrial: Lugares de Memória. 19 a 22 de outubro de 2010, EESC- USP, São Carlos.

Morbelli, G. 2009. *Città e Piani d'Europa*. Roma: Dédalo.

Nolen, J. (org.) 1924. *City Planning*. NY and London, D. Appleton and Co.

_____. 2005. *New Towns for Old*. Boston, University of Massachussets Press.

Perecin, M.T.G. 2004. *Os Passos do Saber: A Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz*. São Paulo, EDUSP.

Pinto, G.A. e Buffa, E. 2009. *Arquitetura e Educação: câmpus universitários brasileiros*. São Carlos, Edufscar.

Teles, T.C. e Iokoi, Z.M.G. 2005. *Campus Pirassununga da USP: Memória e História*. São Paulo, EDUSP.

Unwin, R. 1984. *La Practica del Urbanismo*. Barcelona, Gustavo Gilli.

_____. 1902. *Cottage Plans and Common Sense*. Londres, Fabian Society.

_____. 1912. *Nothing Gained by Overcrowding!* Londres, P.S. King & Son.